

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v15.n36.08>

Cultura popular e literatura brasileiras em *Cantigas das creanças e do povo e danças populares* (1916), de Alexina de Magalhães Pinto¹

Brazilian Popular Culture and Literature in Cantigas das creanças e do povo e danças populares (1916), by Alexina de Magalhães Pinto

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos²
Celiane Ferreira Reis³

Resumo: “Voz do povo, voz de Deus. Voz do povo, voz do diabo.” De um dos livros de Alexina de Magalhães Pinto (1869–1921), esses provérbios integram obra que cose, com engenho e habilidade, produções folclóricas, percepção sociológica e política, e adensadas reflexões intelectuais do contexto da autora, que organizou coletâneas de máximas, provérbios, cantigas populares infantis e contos da tradição oral, com o objetivo de compor um programa minimamente necessário à educação sentimental, moral e estética de crianças, adolescentes e jovens do seu tempo. Este artigo – que se baseia no livro *Cantigas das Creanças e do Povo e Danças Populares* (1916) – trata do papel de Alexina de Magalhães Pinto para a cultura popular brasileira, integrando discussões atinentes à recepção crítica e verificando estilos, temas e estruturas composicionais mais recorrentes em sua obra.

Palavras-chave: Alexina de Magalhães Pinto. Cultura popular brasileira. Literatura Infantil.

-
- ¹ Este trabalho é resultado de várias pesquisas e estudos das autoras ao longo de anos e, de maneira mais específica, integra a dissertação “‘Cantigas dos pretos’: a presença da voz negra no livro *Cantigas das Creanças e do Povo e Danças Populares* (1916) de Alexina de Magalhães Pinto”, desenvolvida com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPEF, defendida no primeiro semestre de 2023 ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários na Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES.
- ² Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Pós-doutoranda na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/FAPEMIG).
- ³ Mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

Abstract: “The voice of the people is the voice of God. The voice of the people is the voice of the devil.” These proverbs from one of the books by Alexina de Magalhães Pinto (1869–1921) are part of a work that, with creativity and skill, intertwines folkloric productions, sociological and political perception, and dense intellectual reflections of the author’s context. She organized collections of maxims, proverbs, popular children’s songs and tales from oral tradition, with the aim of composing a minimally necessary program for the sentimental, moral and aesthetic education of children, adolescents and young people of her time. This article, based on the book *Cantigas das Crianças e do Povo e Danças Populares* (1916), deals with the role of Alexina de Magalhães Pinto for the Brazilian popular culture, integrating discussions related to critical reception and verifying styles, themes and compositional structures more recurring in her work.

Keywords: Alexina de Magalhães Pinto. Brazilian popular culture. Children’s literature.

Alexina de Magalhães Pinto: uma historiadora esquecida

Therezinha de Jesus
De uma queda foi ao chão;
Acudiram três cavalleiros,
Todos tres, chapéu na mão:

O primeiro foi seu pae,
O segundo seu irmão
E o terceiro foi aquelle
A quem ella deu a mão.

Alexina de Magalhães Pinto (1916)

Desde a mais tenra idade, as cantigas populares são inseridas na nossa formação e, conseqüentemente, fazem parte da nossa educação infantil. As cantigas de ninar entoadas pelas mães para embalar suas crianças e as brincadeiras de roda com os colegas na escola favorecem o desenvolvimento social e cultural das crianças, além de possibilitar a articulação com as mais diversas linguagens, como a oral, gestual, corporal e musical. E pensando na circulação dessas produções culturais, é praticamente improvável, por exemplo, que haja pessoas nascidas nos anos 1980 até o início dos anos 2000 (e talvez até mais recentemente) que não conheçam a cantiga “Therezinha de

Jesus”, já recolhida por Alexina Pinto ainda no início do século XX. Isso porque a música, especialmente as cantigas folclóricas, está sempre presente tanto no contexto familiar quanto escolar. Sendo assim, folclore e Literatura Infantil estão intrinsecamente ligados, uma vez que as raízes da literatura foram lançadas a partir das narrativas populares que circulavam oralmente e eram de suma importância, principalmente para as crianças que não dominavam a escrita.

É nesse contexto que a escritora, folclorista, musicista e educadora Alexina de Magalhães Pinto desponta como uma intelectual pesquisadora da cultura nacional, desenvolvendo trabalhos singulares voltados para a educação infantil. Nascida em São João del-Rei, Minas Gerais, em quatro de julho de 1869⁴ e vindo a óbito em decorrência de um atropelamento de trem na linha férrea do distrito de Corrêas, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 17 de fevereiro de 1921. Alexina era filha de Eduardo d’Almeida Magalhães e Virgínia Vidal Carneiro de Magalhães, considerada uma das famílias tradicionais mineiras São-joanenses. A autora dedicou-se a resgatar e a registrar a identidade nacional de forma que, em sua percepção, os diferentes grupos étnicos fossem representados, utilizando-se, para isso, de produções folclóricas para elaboração de livros infantis. Alexina Pinto foi casada com o seu primo médico Dr. Floriano Leite Pinto. Suas obras foram publicadas a partir de 1907 e representam para a época uma referência para os primeiros passos de uma biblioteca infantil. São elas:

⁴ Como se poderá notar ao longo deste trabalho, vários estudiosos mencionam 1870 como tendo sido o ano de nascimento da autora. Contudo, no âmbito do projeto “História cultural de mulheres escritoras: vida e obra de Alexina de Magalhães Pinto (1869-1921)” – vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG como pesquisa em nível de pós-doutorado, institucionalizado na Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES e que tem financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG (EDITAL 009/2022) – investigações em documentos de arquivos e cartórios das cidades em que a autora nasceu e faleceu comprovam que o seu nascimento foi 4 de julho de 1869 e o seu falecimento ocorreu em 17 de fevereiro de 1921.

⁵*Contribuição do folk-lore brasileiro para a bibliotheca infantil* (1907), *As Nossas Historias* (1909), *Os Nossos Brinquedos: contribuição para o folk-lore brasileiro* (1909), *Cantigas das Creanças e do Povo e Danças Populares* (1916) e *Proverbios Populares, Maximas e Observações Usuaes* (escolhidos para uso das escolas primárias) de 1917. Suas produções fizeram parte da coleção *Icks* e foram publicadas pela Livraria Francisco Alves.

Além das obras mencionadas, Alexina Pinto atuou como tradutora de textos do inglês para o português. A saber, o livro *Liga de instrução moral inglesa* (1907) foi traduzido por ela. Também contribuiu de forma assídua com o jornal *Almanaque Brasileiro Garnier* (ABG), Rio de Janeiro, no qual publicou textos, como: “Modos de dizer brasileiros” (1908); “Folclore infantil: Antes magro no mato” [...] (1910); “O afilhado do Diabo” (1910); “Poesias Populares” (1910); “D.Silvana” (1910); “A marmelada” (1911); “Os três passarinhos” (Lundu) (1911) e “Advinha que tem história” (1912). A autora é considerada pioneira no que diz respeito à forma de ensino que adotou e contribuiu efetivamente para a educação infantil. Infelizmente, não teve reconhecimento de sua produção por se tratar de um contexto sociocultural e histórico em que a mulher não tinha voz e isso, certamente, impactou significativamente na ausência de visibilidade de seus projetos educacionais. De acordo com Maria Lúcia Monteiro Guimarães, no texto “Alexina de Magalhães Pinto: Do mito à realidade” (2017), em 1893, Alexina Pinto tomou posse da Cadeira de desenho e caligrafia da antiga escola normal de São João del-Rei, a qual ocupou por três anos. Logo após, pediu exoneração para lecionar na Escola Normal do Rio de Janeiro, onde permaneceu por mais de vinte anos.

⁵ Neste artigo, os títulos dos livros de Alexina de Magalhães Pinto estão grafados de acordo com a ortografia da época. Ressalta-se que é comum encontrar, num mesmo livro da autora, a grafia das palavras “folk-lore” ou “folk-loro” e “dansas ou danças”. Optamos, aqui, por utilizar as grafias “folk-lore” e “danças” para se referir aos títulos dos livros.

Alexina de Magalhães Pinto e a recepção crítica

A cultura popular e a literatura estão intimamente ligadas. No caso brasileiro, essas produções culturais, por anos, pareciam ser mesmo a própria literatura. Para Alexina de Magalhães Pinto, então, o material folclórico, como as cantigas populares, brincadeiras infantis e os contos representavam métodos educativos eficazes, chegando a ser utilizados em livros didáticos, na Educação Infantil.

A educadora se destacou por reelaborar e recriar os contos e as cantigas populares à sua maneira, contrariando intelectuais da época ao utilizar histórias populares para fins educativos. Flávia Guia Carnevali, em seu artigo “Música popular, memória e história em Alexina de Magalhães Pinto”, afirma que o objetivo de Alexina Pinto não era somente de educar por meio da cultura folclórica, mas também de “[...] construir uma memória artística nacional através da preservação de um material que fatalmente desapareceria, compilando e arquivando diversas formas de registro sobre música e outras manifestações populares, em geral, de tradição oral” (CARNEVALI, 2012, p. 388), fazendo com que esse material se difundisse e fizesse parte da memória cultural do nosso país.

Nelly Novaes Coelho, em *Literatura Infantil: teoria, análise, didática* (2000), afirma que antes do surgimento de textos para o público infantil, no passado, “[...] a criança era entendida com um ‘adulto em miniatura’ que precisava assimilar, o mais rápido e o mais perfeitamente possível, o modo de ser, pensar e agir do adulto” (2000, p. 224). Portanto, não havia diferenciação entre adultos e crianças, sequer conteúdos voltados para o ensino da literatura infantil. A autora expõe ainda que a poesia infantil brasileira nasceu no fim do século XIX e ganhou alguma relevância no início do século XX, em que se destacou o compromisso “[...] com a tarefa educativa da escola, no sentido

de contribuir para formar no aluno o futuro cidadão e o indivíduo de bons sentimentos (COELHO, 2000, p. 224). A partir daí é que surgem trabalhos como o de Alexina Pinto, em que os sentimentos pátrios, fraternais e generosos eram transportados para a obra literária. Para Coelho (2000, p. 225),

A produção de poesia infantil era muito pequena, restringia-se a poemas lúdicos, de pura brincadeira e quase sempre pueris. Essa limitação na produção poética para crianças era compensada com a voga das cantigas populares ou folclóricas, cantigas de rodas, etc. que a criançada sabia de cor.

A saber, as produções de Alexina de Magalhães Pinto são citadas por Coelho (2000), como exemplo de obras literárias brasileiras que circularam no início do século XX. Por mais que suas obras tenham um caráter moralizante e patriótico, é notável que seus escritos obedeciam ao “espírito da época ou à mentalidade dominante na sociedade” (COELHO, 2000, p. 230).

De acordo com Coelho (2000, p. 230), “[...] a literatura oferecida ‘oficialmente’ aos educandos nas escolas” daquele tempo orientava-se por esses paradigmas pedagogizantes. As primeiras décadas do século XX passaram por “[...] uma fase de endurecimento das normas ou padrões de comportamentos, para fazer frente aos novos ventos que haviam começado a abalar seus alicerces.” (COELHO, 2000, p. 230). Esse contexto literário ficou marcado por “clichês poéticos” em que se privilegiavam as boas maneiras e os bons sentimentos que deveriam ser impregnados nas crianças, além de adotarem uma linguagem infantilizada para se dirigir a elas. Portanto, Coelho (2000) acredita que esse modelo estereotipado de pensamento e ação tenha feito com que a literatura infantil fosse vista como “[...] um *gênero menor*, sem lugar nos quadros oficiais da literatura brasileira. Na verdade, faltava-

-lhe criatividade, originalidade – condição *sine qua non* da verdadeira literatura” (COELHO, 2000, p. 230-231).

Interessante destacar que esse caráter, de forma geral, marcará a literatura infantil e juvenil por longos anos. Os materiais de educação infantil anterior a 1970, segundo Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em *Literatura infantil brasileira: história e histórias* (2006)⁶, evidenciam que o ensino da literatura era pautado em um modelo de “educação pela literatura”, com objetivos pedagógicos, cívicos, morais e familiares, como se pode identificar nas obras de Alexina Pinto. A partir da proposição de Lajolo e Zilberman (2006) de que o ensino da literatura deveria ser pautado na “educação para a literatura”, os estudiosos da área começaram a refletir sobre a forma de ensino adotada anteriormente, criando, assim, uma nova tradição de estudos sobre a literatura infantil, em que se privilegia o estético literário em detrimento à literatura pedagogizante e moralista.

Pode-se afirmar, então, que Alexina Pinto provocou, em seu tempo, grandes inovações no que tange à forma de ensino que adotou por meio do folclore, isto é, lançou mão daquilo que era mais popular para que se alcançasse êxito; além de ensinar com novas metodologias, pôde também colaborar para a divulgação de nossa literatura folclórica.

No *Almanaque Brasileiro Garnier* (HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA, 1911, p. 407) foi publicado uma nota em que se menciona o nome de Alexina Pinto:

No correr do ano apareceu o livro primorosamente ilustrado: *Nossos brinquedos*, da nossa colaboradora Icks (Dona Alexina de Magalhães) cujas contribuições nesta matéria são sempre de primeira ordem pela conscienciosa probidade com que tem recolhido as nossas tradições populares quanto à vida infantil.

⁶ Publicado originalmente em 1984.

É importante ressaltar que as ilustrações da obra de Alexina Pinto são elogiadas como um primor, além do seu olhar cuidadoso em relação às cantigas recolhidas das tradições populares destinadas ao público infantil. Em suas obras, há evidente preocupação com as ilustrações e também com a necessidade de colocar as partituras das cantigas para que estas pudessem ser cantadas pelos educadores e pelas crianças em sala de aula, e por elas, inclusive em suas casas, com a ajuda de seus pais e demais familiares.

Em relação às figuras, Alexina Pinto dá “Alguns conselhos”, nas primeiras páginas do livro *Cantigas das Creanças e do Povo e Danças Populares* (PINTO, 1916, p. 4):

Indicando as figuras ou ilustrações, com um ponteiro, os pais, educadores convidarão as crianças a externar simplesmente o que veem, o que sentem, o que lhes dizem o quadro. Em seguida permitir-lhes-ão apontar com os dedos, bem limpinhos, os detalhes das figuras, a fim de que possam eles, assim, guiar os olhos a vê-las, a observa-las melhor. Enquanto o fazem deverão ir mencionando o que conseguem divisar.

Sendo assim, o livro ilustrado, na visão de Alexina Pinto, pode colaborar para a interpretação do texto e ainda externar a imaginação da criança, por meio das imagens. Esse posicionamento da autora sobre a importância de se ilustrar os livros para as crianças torna-se um marco para a Literatura Infantil, visto que, à época (início do século XX), não havia muitas obras ilustradas para o público infantil. A autoria da maioria das ilustrações nem sempre é indicada no livro *Cantigas das Creanças e do Povo e Danças Populares* (1916), com exceção da capa e de algumas poucas ilustrações em que se nota a referência à autoria de Moraes⁷.

⁷ A assinatura da ilustração da capa da obra é quase imperceptível e se encontra em meio à imagem, chegando quase a se confundir com ela, do lado direito da capa. Ainda não temos, até o presente, demais informações sobre essa autoria.

Alexina de Magalhães Pinto é assim descrita por Luís da Câmara Cascudo em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*⁸ (2012, p. 25):

Com vocação ao magistério, viajou pela Europa em 1892, “tornando-se pioneira da moderna didática. No intenso convívio infantil e popular, coligiu vasto documentário da literatura oral, romances, contos, provérbios, divertimentos, sendo a primeira brasileira a valorizar a cultura tradicional do seu povo, divulgando-a em livros popularíssimos nas primeiras décadas do século XX: *Contribuição do Folk-lore brasileiro para a bibliotheca infantil*, Rio de Janeiro, 1907; *Nossos brinquedos*, Lisboa, 1909; *Cantigas das Creanças e do Povo e Danças Populares*, Rio de Janeiro, 1911; *Proverbios Populares, Maximas e Observações Usuaes*, coligidos na tradição oral, Rio de Janeiro, 1917. Algumas boas pesquisas estão incluídas no ‘Anuário Brasileiro Garnier’, Rio de Janeiro, 1908, 1910, 1911, 1912.

É importante ressaltar que Cascudo (2012) menciona que o livro *Cantigas das Creanças e do Povo e Danças Populares* foi publicado em 1911, porém a autora Alexina Pinto informa que o livro mencionado foi concluído em 1911, ou seja, a data se refere ao término do livro e que somente foi publicado em 1916: “Terminado em 1911, impresso em 1916” (PINTO, 1916, p. 204). Portanto, para nos referirmos a ela, será utilizada a data de impressão/publicação que é 1916.

Em meados do século XX, Alexina Pinto foi mencionada em algumas pesquisas relacionadas ao folclore brasileiro, a começar por um artigo publicado na *Revista Brasileira de Folclore*, intitulado “O folclore no Ensino Primário” (1962), de Maria de Lourdes Borges Ribeiro. Ribeiro afirma que Alexina de Magalhães Pinto foi “[...] uma ilustre folclorista mineira que não só se preocupou em utilizar o folclore no fortalecimento da unidade nacional, mas muito se preocupou, também, com o comportamento de folcloristas e educadores frente ao assunto” (RIBEIRO, 1962, p. 108). A autora (1962) reitera a preocupação de Alexina Pinto em relação aos erros gramaticais que, por vezes, as cantigas utilizadas em sala de aula poderiam apresentar. Em razão disso, para que

⁸ Primeira edição em 1954.

os alunos não memorizassem palavras erradas, era preferível que os professores fizessem escolhas cuidadosas de cantigas que não contivessem erros de grafias. Na maioria das cantigas apresentadas na obra *Cantigas das Crenças e do Povo e Danças Populares*, Alexina Pinto optou por fazer algumas correções, ora para soar melhor aos ouvidos dos ouvintes, ora para que pudesse ser transcrita em notas musicais, uma vez que a folclorista se preocupou em adotar partituras, a fim de que os pais e professores pudessem ter acesso à melodia das cantigas recolhidas.

Em artigo publicado na *Revista Brasileira de Folclore* que tem como título “O dia do folclore” (1965, sem identificação de autoria), Alexina de Magalhães Pinto está entre os nomes de folcloristas de destaque que se “dedicaram com inteligência e amor ao estudo da cultura da nossa gente do povo, indicando os fundamentos mais legítimos de nossa nacionalidade”. (1965, p. 182).

Leonardo Arroyo (1918-1986), em seu livro *Literatura Infantil Brasileira* (2011) (terceira edição, publicado originalmente em 1968), dedica algumas páginas de sua obra para falar da professora mineira Alexina de Magalhães Pinto. Arroyo discorre sobre a temática abordada no livro *Os Nossos Brinquedos* (1909), que tem como foco central “[...] o grande público infantil brasileiro, nesse sentido de reintegrá-lo na verdade da terra e sua cultura, oriunda da confraternização do português com o índio e com o negro” (ARROYO, 2011, p. 251). O estudioso afirma ainda que a obra de Alexina Pinto é “[...] fundamental neste vasto quadro de preliminares da história da literatura infantil brasileira” e os motivos principais para isso é que se destinava “ao público infantil” e “[...] revalorizava os temas de nossa formação cultural” (ARROYO, 2011, p. 251), e que essas mesmas características estão presentes em outras obras da autora, assim como em *Cantigas das Crenças e do Povo e Danças Populares* (1916). Conforme Arroyo (2011, p. 252):

Os temas tratados por Alexina de Magalhães Pinto são impressionantemente brasileiros. Em sua obra se encontra o processamento de uma temática que seria, modernamente, um filão extremamente explorado pela nossa literatura infantil, ou seja, o folclore e sua imensa variação. O primeiro livro de Alexina de Magalhães Pinto representa admirável contribuição para o conhecimento, principalmente, de jogos infantis do começo do século XX. Muitos desses jogos infantis, cirandas e parlendas, chegaram até nós muitas vezes deformados. Outros desapareceram. Em seu caráter de autenticidade, foram fixados pela pesquisadora mineira. Nesses jogos encontram-se brinquedos de roda, os de roda ou de fileira, os de marchar, os de pular, os de correr, os de palmas, os brinquedos ginásticos, os brinquedos de roda assentada, os ruidosos, os brinquedos silenciosos. Também fixou Alexina de Magalhães Pinto, então residente em São João del-Rei, com auxílio de senhoras de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul e de várias regiões mineiras, numerosas e belíssimas cantigas de ninar, pedindo hoje o reencontro com alguma sensibilidade de artista.

Pode-se perceber que Arroyo (2011) reconhece que o trabalho de Alexina Pinto é de extrema importância ao tratar de temas como a literatura infantil alinhada ao folclore nacional em pleno início do século XX, época em que não havia muitos trabalhos voltados para a valorização da cultura nacional. A maioria dos escritos destinados ao público infantil era adaptada e baseada em trabalhos estrangeiros, os quais Pinto considerava ideais para serem utilizados no processo educacional das crianças brasileiras. Nesse sentido, Arroyo (2011) ainda cita inúmeras obras recomendadas por Alexina Pinto para que sejam utilizadas nas escolas brasileiras. Os livros indicados são, em sua maioria, de procedência francesa. Essas referências da literatura francesa estariam relacionadas à sua formação, visto que a autora passara um tempo em estudos na Europa.

No subtítulo “Biblioteca para a infância”, Arroyo (2011, p. 257) descreve o esforço de Alexina Pinto ao tentar montar uma biblioteca para o público infantil:

Talvez possamos destacar mais ainda a importância de Alexina de Magalhães Pinto no contexto histórico da literatura infantil brasileira, ao lembrarmos que ela foi a primeira autora a indicar uma Biblioteca para a infância no Brasil, ou seja, a relação de livros mínimos que deveria dar aos meninos para lerem. Já no Brasil se começava a libertar a infância do livro escolar propriamente dito, procurando dar-lhe uma literatura adequada à idade. Alexina de Magalhães Pinto representa no Brasil um dos pontos altos dessa reação à literatura escolar e aos velhos conceitos sobre a infância.

Portanto, é indiscutível o papel que a professora Alexina Pinto exerceu para que as crianças pudessem ter uma educação estética de qualidade, a começar por indicação de obras literárias que ela julgava serem de grande valia para aquisição do conhecimento. Entretanto, Arroyo (2011, p. 258) observa que as obras indicadas para compor a biblioteca infantil eram “uma série enorme de livros, com um inventário que pode muito bem mostrar quão pobre, por volta de 1917, era ainda nossa literatura infantil”. Em seguida, Arroyo (2011) defende que os critérios adotados por Pinto não podiam ser diferentes, visto que, à época, não havia outras referências mais sólidas para o público infantil. Além disso, “[...] seu esforço de esclarecimento, sua preocupação com a infância não podia fugir aos padrões dominantes da educação e do divertimento na época. Era o material que contava para indicar sua biblioteca” (ARROYO, 2011, p. 262).

No “Noticiário” veiculado na *Revista Brasileira de Folclore* (1970, p. 160) sob título “Em Belo Horizonte, homenagem à pioneira”, pode-se ler:

Em Belo Horizonte, o diretor executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Professor Renato Almeida, instalou, no dia 16, a Semana do Folclore que lá se promoveu por iniciativa da Universidade Federal e a colaboração da Comissão Mineira de Folclore. A semana teve como inspiradora Alexina de Magalhães Pinto, pioneira nos estudos de folclore no Brasil, autora de vários livros, cujo centenário se comemorou no dia 4 de julho.

Em reconhecimento a Alexina Pinto, a *Revista Brasileira de Folclore* escreveu o texto intitulado “Romance de D. Silvana” (Nota da Revista)⁹, em homenagem ao centenário de nascimento¹⁰ da são-joanense, reconhecida como “[...] pioneira no aproveitamento do Folclore como material de aula na escola brasileira” (REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE, 1970, p. 118). A revista destaca ainda que a folclorista surgiu em uma época em que os estudos do folclore, no Brasil, mal haviam sido iniciados e, por ser conhecedora da vida rural de seu Estado mineiro, “[...] em contato com a gente do povo, começou a coletar materiais e a publicá-los com certo sentido de pureza e fidelidade que, certamente, encantou – como ainda encanta a nós outros – aqueles que já lidavam com o assunto” (REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE, 1970, p. 118). Além disso, a publicação em questão cita João Ribeiro, estudioso do folclore, como um dos incentivadores de Alexina de Magalhães Pinto. Ribeiro reconhece o talento e empenho da autora ao citá-la no *Almanaque Brasileiro Garnier*, no ano de 1908, “acentuando que a então jovem professorinha mineira se dedicou com grande relevo à literatura didática que ‘segundo seu modo de ver deve ser inteiramente popular e baseada no folclore, na alma do povo, mãe de toda literatura e de toda educação literária’” (REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE, 1970, p. 119).

Alexina Pinto se destacou em um contexto em que ser mulher não a beneficiava no mercado editorial e, a princípio, postava seus textos com o pseudônimo *Icks*, mas, logo depois, resolveu assumir

⁹ O texto publicado na Revista Brasileira de Folclore não tem identificação de autoria.

¹⁰ É comum encontrar divergências no que se refere ao ano de nascimento de Alexina de Magalhães Pinto – como mencionamos anteriormente. No excerto em questão, comemora-se o centenário de nascimento em 1970, no entanto, Alexina de Magalhães Pinto nasceu em 1869 e não 1870, como afirmam alguns estudiosos. Portanto, a data correta é quatro de julho de 1869, conforme consta em seu batistério.

sua própria identidade. A *Revista Brasileira de Folclore* (1970, p.118) afirma que:

Na literatura brasileira, a mulher ainda ensaiava os primeiros passos, abrindo lenta e tenazmente o caminho de sua emancipação. Alexina deu mostras evidentes dessa combatividade da mulher brasileira no sentido de sua autoafirmação. Era frequente o uso de pseudônimo, que escondia a verdadeira personalidade de nossas poetizas e escritoras. Alexina, neste particular, não fugiu à regra, apresentando-se com o singelo “Icks”, mas logo passou também a estampar seu próprio nome nos trabalhos publicados.

Em relação à sua escrita, a *Revista Brasileira de Folclore* reitera que, mesmo respeitando a ortografia vigente à época, a professora mineira conseguiu reproduzir “[...] o sentimento, a maneira, o estilo do linguajar do povo brasileiro, especialmente a forma narrativa tão peculiar” (REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE, 1970, p. 118). Como pesquisadora atenta, “[...] sabia tratar dos assuntos e auxiliar-se da bibliografia mais acessível, em sua época, para tecer considerações em torno dos mesmos, nas pequenas notas que costumava reproduzir, abonando suas assertivas” (REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE, 1970, p. 118). As obras de Alexina Pinto têm seu diferencial na medida em que ela se posiciona por meio das notas de rodapé e apêndices, seja para esclarecer algum ponto de determinada cantiga, informar de quem ouviu a produção e onde a recolheu ou até mesmo para emitir juízo de valor. A revista esclarece ainda o mérito concedido a ela de conseguir, em seu tempo, dar ao folclore um caráter didático e empregá-lo em suas obras que são dirigidas ao público infantil brasileiro.

Saul Martins, um dos primeiros estudiosos de Alexina de Magalhães Pinto, publicou um texto na *Revista Brasileira de Folclore* que tem como título “Vida e Obra de Alexina” (1970). O texto em questão começa mencionando que, em 4 de julho de 1970, comemorou-se o centenário de nascimento da escritora Alexina Pinto que, por seu pio-

neirismo em relação à aplicação da “[...] literatura oral e outras formas da cultura popular à Pedagogia, o Conselho de Extensão da Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais” (MARTINS, 1970, p. 225) a nomeou “como patrona da *II Semana de Folclore*” (MARTINS, 1970, p. 225). O evento em questão teve como objetivo maior fazer uma homenagem “à sua memória, as expressões mais divulgadas e tradicionais da lúdica infantil” (MARTINS, 1970, p. 225).

Saul Martins (1970) revela, ainda, que a vida intelectual de Alexina Pinto foi marcada por três fases. A primeira se destaca pela “[...] integração com a comunidade” e, a partir disso, pôde conhecer melhor seus interesses e se dedicar com afinco para alcançar seus objetivos. Conforme Martins (1970, p. 225), “[m]uito jovem ainda, aos vinte e dois anos de idade, empreendeu sozinha longa viagem para Europa, visitando diversos países e examinando os costumes de seus povos”.

Martins (1970) destaca, também, que houve boatos de que, ao voltar da França, Alexina Pinto trouxe consigo uma bicicleta, mas infelizmente sua atitude não foi bem vista pela “tradicional família mineira” da então cidade pacata São João del-Rei e se viu obrigada a desfazer-se do aparelho que despertou nela grande interesse. A partir de sua volta ao Brasil, passou no concurso da sua cidade e pleiteou a vaga na Cadeira de Desenho e caligrafia da Escola Normal.

O magistério, na segunda fase de sua vida, já se faz presente e é marcado pelas inovações nas propostas de ensino em sala de aula. No Rio de Janeiro¹¹, “ocupava lugar importante no ensino médio [...],

¹¹ Em coleta de dados da pesquisa relativa à vida e obra dessa autora na cidade de São João del-Rei nos dias 20 e 21 de outubro de 2022, em visita ao Instituto Histórico e Geográfico da cidade e à residência da estudiosa da vida de Alexina de Magalhães Pinto, senhora Maria Lúcia Monteiro Guimarães (já mencionada neste trabalho), essa professora informou-nos que, a princípio, a ida da Alexina ao Rio de Janeiro tinha como propósito dar continuidade aos seus estudos de pedagogia no Instituto de Educação. Contudo, como a aluna se destacou extraordinariamente entre os estudantes, imediatamente foi convidada a integrar o corpo docente da Escola.

defendendo com brilhantismo novos processos de escola viva e os experimentando com excelentes resultados pedagógicos” (MARTINS, 1970, p. 225).

Martins (1970, p. 225), além dessas informações sobre a vida e obra de Alexina Pinto, presenteia-nos, também, com um feito inusitado que professora executou em sala de aula:

Certa vez, segundo apuramos, levou para a sala de aula de uma turma de primeiro ano novato um gatinho fechado no cesto, provido de tampa. Ao abri-lo diante dos alunos, foi aquela agitação! Cessado o tumulto, ela se dirigiu ao quadro-negro, dizendo: “não preciso de trazer o animal nem mesmo desenhá-lo”. E apanhando o giz, escreveu a palavra *gato*, bem legível e com letras graúdas.

Essa proposta de ensino inovadora apresentava-se em desarmônia com a difundida “cartilha soletrada”, pois esta fazia com que a criança decorasse as letras do alfabeto, em seguida, formar sílabas e, logo depois, as palavras completas. Já no método global, do qual Alexina Pinto era adepta, a criança aprende a ler vendo o todo, isto é, partindo de unidades maiores para depois decompor em unidades menores. Martins (1970, p. 226) afirma que “[e]ra a primeira reação, no Brasil, contra o *b-a –ba* e pela vez primeira se empregou na escola primária o chamado método global”. Portanto, no final do século XIX, Alexina Pinto já exercia seu papel de professora e pesquisadora atualizada com as mais variadas metodologias de ensino que, provavelmente, aprendera em seus estudos realizados na Europa.

A terceira fase da vida da ilustre professora foi marcada por grandes acontecimentos. Martins (1970) afirma que ela se casou no dia 15 de maio de 1898, mas logo ficou viúva do Dr. Floriano Leite Pinto¹², que era seu primo. Após a viuvez, entregou-se ainda mais aos seus

¹² O texto do Saul Martins (1970) afirma apenas que Alexina de Magalhães Pinto “cedo viuviu, sem filhos”, não mencionando a data do falecimento de seu esposo Floriano Leite Pinto.

alunos e às suas pesquisas sobre o folclore que, em sua maioria, foram concentradas nas cidades de “São João del-Rei, (hoje Tiradentes), Porto Novo, Além Paraíba e Mar de Espanha, neste Estado; ou Sapucaia e Vassouras, no Estado do Rio” (MARTINS, 1970, p. 226). Postumamente, em 1924, ano em que se completavam três anos de seu falecimento, de acordo com a Lei municipal nº 436, de 26 de fevereiro, [...] uma rua da cidade de São João del-Rei recebeu o nome de Alexina de Magalhães Pinto, homenageando-a” (MARTINS, 1970, p. 226).

De acordo com pesquisas realizadas, foi possível identificar um dos primeiros trabalhos que destaca a importância das obras de Pinto, como a dissertação em Literatura Portuguesa, apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, escrita por Francisca Amélia da Silveira, sob orientação da Prof^a. Dra. Nelly Novaes Coelho e com o de título *Ludismo e pragmatismo na literatura para crianças no início do século XX – uma análise das obras de Alexina de Magalhães Pinto (Brasil) e de Ana de Castro Osório (Portugal)*¹³, defendida em 1996. Nesse trabalho, Silveira (1996) revela a dificuldade de encontrar informações sobre Alexina Pinto visto que “[...] a documentação existente sobre sua vida e realizações é bastante escassa” (SILVEIRA, 1996, p.5). Mesmo diante dos percalços, Silveira (1996, p. 97) consegue destacar as contribuições da folclorista no que tange ao ensino e à cultura brasileira:

No caso brasileiro, o trabalho de Alexina é de vital importância, ressaltando-se a sua preocupação com a oralidade, com a riqueza de nossas histórias, cantigas, brinquedos e provérbios populares reveladores de uma maneira nossa de falar, que já se diferenciava bem

¹³ Tivemos acesso a essa dissertação – disponível apenas no formato impresso – no período de desenvolvimento de pesquisa de pós-doutoramento “Narrativas da infância na literatura luso-brasileira de autoria feminina: Ana de Castro Osório e Alexina de Magalhães Pinto”, sob supervisão da Professora Dra. Maria Zilda da Cunha, vinculada à Universidade de São Paulo (2017/2018).

do falar castiço português. Em sua recolha, fica evidente uma dupla preocupação: literatura e pedagogia caminham juntas, mas com ênfase no sentido lúdico, ressaltando-se o prazer, a invenção individual, o jogo como fonte propulsora do processo de aprendizagem. Percorrer o caminho de Alexina é entrar em contato com nossas origens, a alma popular e a riqueza do nosso folclore. Ela representa, no Brasil, a primeira reação à literatura escolar e aos velhos conceitos sobre a infância.

Apesar de, nos entresséculos XIX e XX, não haver trabalhos significativamente importantes sobre a literatura infantil no Brasil, Alexina de Magalhães Pinto demonstra estar atenta às necessidades de mudança no âmbito educacional e publica obras voltadas para este público, em que se privilegiam as ilustrações, os jogos e as cantigas de rodas no processo de ensino-aprendizagem das crianças. Portanto, Literatura e Pedagogia se entrelaçam em suas obras e colocam a criança como protagonista, papel este que ainda não lhes competia. Dessa forma, os livros *Cantigas das Crianças e do Povo e Danças Populares* (1916) e *Os Nossos Brinquedos* (1909) são de fundamental importância, uma vez que, no Brasil, a escassez de trabalhos voltados para o público infantil era muito presente.

Em 1970, também foi publicado um artigo na Revista *Veja*, em que Nelly Novaes Coelho (2002) afirma ser de autoria do Saul Martins¹⁴. O artigo é apresentado para o leitor com um título, no mínimo, instigante: “A mineira ruidosa”. Ruidoso quer dizer barulhento, movimentado, agitado. Esse adjetivo é utilizado para definir a personalidade de Alexina de Magalhães Pinto no texto veiculado pela Revista *Veja* (1970, p. 58):

Com apenas vinte anos, ela já tinha provocado seu primeiro escândalo: fugiu para Europa. E no dia que voltou à cidade, um ano depois, vestia uma estranha roupa com que desfilou por praças e ruas montada numa bicicleta – estranho e desconhecido aparelho na época. A hostilidade

¹⁴ Adquirimos a Revista, de 5 de agosto de 1970, de um colecionador. Verificamos que o texto “A mineira ruidosa” não apresenta informação de autoria. Em contato, por e-mail, com a Memória VEJA, no ano de 2021, informaram-nos de que não era mais possível acessar essa informação, considerando já terem se passado 50 anos da publicação.

da população manifestou-se numa chuva de tomates e ovos podres e numa ameaça de excomunhão, que só não se concretizou por causa da intervenção de alguns parentes junto ao bispo de Mariana. Finalmente, após um casamento infeliz, Alexina abandonou de uma vez os severos princípios da moral familiar e se dedicou completamente ao ensino – logo também rompeu francamente com os velhos e poucos eficazes métodos educacionais.

Susana Cecília Almeida Igayara-Souza (2011) levanta a hipótese de que o texto em questão pode não ser de autoria do Saul Martins, visto que na referida revista não consta quem o escreveu. Carnevali (2009) também compartilha essa mesma informação na sua dissertação. Carnevali (2009) acrescenta, ainda, que o episódio da “chuva de tomates” é cheio de contradições e que o próprio Martins não acredita que tenha realmente acontecido, a julgar pela personalidade de Alexina Pinto em não ser considerada uma “mulher pra frente” (CARNEVALI, 2009, p. 19).

Lajolo e Zilberman (2006, p. 38) afirmam que a folclorista, mesmo antes de se ter uma literatura voltada para o público infantil,

[...] desde 1907, põe seu talento e gosto de folclorista a serviço, senão da literatura infantil, ao menos de um projeto de leitura que garanta o acesso das crianças ao material folclórico representado pelas cantigas, histórias, provérbios e brinquedos recolhidos pela autora.

Significa dizer que, no início do século XX (1907), Alexina Pinto já se preocupava com uma biblioteca voltada para a literatura infantil, valendo-se das produções folclóricas. Mesmo que a literatura infantil em suas obras esteja muito próxima de um projeto ideológico nacional, a preocupação com a educação das crianças por meio de textos literários se mostra evidente na composição da sua obra em geral.

Nelly Novaes Coelho, no *Dicionário Crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)* (2002), faz um levantamento de inúmeras autoras brasileiras e suas contribuições para a literatura em geral. Nessa obra,

Coelho (2002) cita Alexina de Magalhães Pinto como uma educadora de “alto espírito intelectual” que “desde muito cedo demonstrou grande atração pelas leituras e pelo aprendizado de línguas” (COELHO, 2002, p. 34). Com apenas 20 anos de idade, aventurou-se sozinha pela Europa (França, Itália e Espanha), lugares esses que eram referência para os estudos culturais e, no período de um ano, participou de variados cursos que foram de grande relevância para sua formação enquanto pedagoga e folclorista. Coelho (2002, p. 34) afirma ainda que:

Embora a crônica do tempo não tenha registrado a natureza desses cursos, a julgar pela natureza dos trabalhos e atividades que Alexina desenvolveu entre nós, desde sua volta até sua morte, facilmente se deduz que ela teria tido contato com os pioneiros da escola ativa ou escola viva. Essa linha de pensamento inovador que surgia no entresséculos: reação contra a escola antiga, racionalista e automatizante (baseada na memorização e no bloqueio à espontaneidade), e reivindicação de uma escola dinâmica, atenta a natureza lúdica da criança, e que propunha uma metodologia de valorização dos jogos como meio de aprendizado e de estímulo à criatividade dos educadores, levando-os a construir seu próprio conhecimento das coisas.

Portanto, a trajetória pessoal e intelectual de Alexina Pinto colabora para o entendimento de seus trabalhos desenvolvidos no âmbito educacional, além de corroborar para a compreensão de sua primorosa contribuição para a cultura nacional.

Igayara-Souza (2009), em seu artigo intitulado “Educação feminina e cultural entre as mulheres: Brasil, 1900-1950”, destaca que Alexina Pinto está “entre as mulheres autoras de textos sobre música”, publicados no início do século XX, além de se destacar por se dedicar tanto “a obras ficcionais como a uma literatura educacional ou técnica” (IGAYARA-SOUZA, 2009, s/p).

Igayara-Souza (2011), em sua tese *Entre palcos e páginas: a produção escrita por mulheres sobre música na história da educação musical no Brasil (1907-1958)*, apresentada à Faculdade de Educação

da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Educação, dedica uma parte do segundo capítulo para falar sobre a importância de Alexina Pinto para a educação e a música brasileira. Igayara-Souza (2011, p. 106) afirma que:

Apesar da falta dos trabalhos biográficos ou analíticos, o reconhecimento do pioneirismo de Alexina de Magalhães Pinto como estudiosa do folclore é bem aceito pelos especialistas da área, embora tenha recebido de Mário de Andrade o comentário de que suas obras possuíam “escasso valor etnográfico”¹⁵. [...] As discordâncias de Mário de Andrade podem ser lidas como afirmação de uma determinada metodologia de estudo do folclore e da definição dos estudos etnográficos como um campo próprio, à parte do interesse na utilização desse material em educação infantil.

Portanto, a opinião de Mário de Andrade pode estar relacionada com a forma adotada por cada um dos folcloristas (Mário e Alexina) para abordarem a temática. Além disso, Igayara-Souza (2011) declara também que, por ter sido professora de educação infantil, seus trabalhos são voltados para este público em específico, enquanto o trabalho do Mário de Andrade era mais descritivo, isto é, tem o intuito de descrever as diversas culturas e etnias, sem relacionar a pesquisa ao processo de ensino-aprendizagem, tal qual Alexina Pinto fez.

Além de receber uma homenagem póstuma, em 1924, como mencionado anteriormente, Pinto também foi consagrada pelo Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, “como patrona da cadeira n. 16” (IGAYARA-SOUZA, 2011, p. 106). Ainda de acordo com a pesquisadora, uma das obras de maior reconhecimento de Alexina Pinto é o livro *Cantigas das Criações e do Povo e Danças Populares*, pois sua produção se destaca mais ainda pelo fato de a autora se empenhar em criar “uma literatura para crianças” (IGAYARA-SOUZA, 2011, p.

¹⁵ Ainda não foi encontrada, em nossas investigações, a fonte citada por Igayara-Souza em que Mário de Andrade afirma que as obras de Alexina de Magalhães Pinto possuem “escasso valor etnográfico”.

106) que apenas engatinhava no Brasil, o que faz com que sua obra seja um marco para a produção da escrita literária infantil brasileira.

Cabe destacar que Igayara-Souza (2011, p. 126) sintetiza adequadamente aspectos que testam a grande relevância das obras de Alexina Pinto:

[...] a produção de Alexina de Magalhães Pinto destaca-se justamente pela proposta de união da cultura letrada e das canções e danças das tradições orais, na composição de um material poético-musical a ser trabalhado com as crianças. Dois importantes temas, defendidos pela professora-autora, foram colocados em uma posição de grande importância na discussão cultural que atravessa todo o século XX: a educação musical das crianças e a discussão do folclore na criação de uma cultura brasileira.

Como se pode notar, o excerto deixa entrever a importância do legado de Alexina de Magalhães Pinto enquanto professora, escritora, pesquisadora e folclorista. Com sua indiscutível genialidade, conseguiu integrar folclore, música, cultura popular brasileira e educação nas obras que organizou e publicou. Mesmo que suas obras tenham mantido um caráter conservador, no que tange à moral familiar, é notável o seu cuidado ao se dirigir ao seu público-alvo que são as crianças, além de manter um diálogo com os pais e educadores.

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (2016), no artigo “Narrações da infância em Alexina de Magalhães Pinto: refletindo sobre as “Cantigas das crianças”, afirma que Pinto “acreditava que, a partir da arte, a criança desenvolveria a sua personalidade, sem perder o seu encanto, e nos leva a compreender e a interpretar os direitos da criança, como um sujeito sócio-histórico, expressos nos textos da autora (principalmente nos paratextos)” (2016, p. 219). A afirmação de Santos (2016) vai ao encontro do que Antonio Candido defende em seu texto “O direito à Literatura” (2004), em que o acesso às artes e, especialmente, à literatura “é um direito inalienável”, considerando que, através da

literatura, o sujeito, independentemente de sua instrução, pode ser tocado (CANDIDO, 2004, p. 191). E é interessante observar que a obra de Pinto revela, naquele tempo, que a criança e a literatura infantil já ocupavam um lugar de destaque.

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos e Maria Zilda da Cunha (2017), no artigo intitulado “‘Opera Lyrica nacional’: das Minas Gerais para o folk-lore brasileiro e a bibliotheca infantil”, chama a atenção para o método empregado por Alexina Pinto em relação à composição do livro em que a autora se utiliza de paratextos de sua autoria, aproximando-se de “um tutorial”, adicionando informações relevantes, tais como, os estados do Brasil em que foram recolhidas as produções, além de se preocupar com o público-alvo, que é as “[...] crianças nas salas de aula” (2017, p. 8). Para Dionísio Santos e Cunha (2017), a partir dos paratextos do livro *Cantigas das Crianças e do Povo e Danças populares* é possível inferir “a excepcionalidade intelectual da autora, a qual confere à arte – segundo uma concepção humanista vigente à época – uma função de possibilitar um conhecimento do mundo e dos homens”, e que por meio da literatura, da música e da poesia, é possível que a criança desenvolva “[...] a sua personalidade, em contexto em que houvesse ludicidade, de forma a produzir sentidos para os conteúdos presentes nos textos” (DIONÍSIO SANTOS e CUNHA, 2017, p. 9).

De acordo com Laura Emanuela Gonçalves Lima (2018, p. 4195) é evidente a preocupação da professora e folclorista Alexina Pinto ao se dirigir às crianças, reservando a elas, um grau de importância maior:

[...] percebe-se o cuidado da autora com a saúde física das crianças e dos educadores, aconselhando o repouso após a cantoria. Ela pede aos pais ou educadores que indiquem as ilustrações presentes no livro e que estimulem as crianças a dizerem o que sentem, o que veem. Aos educadores pede que sejam narradas histórias que incentivem as

crianças a criarem suas próprias histórias e relacionarem depois com as cantigas e outras figuras [...].

De acordo com o excerto, nota-se que a folclorista se faz presente nos paratextos editoriais de sua obra, criando uma aproximação clara entre seus leitores, através de instruções dirigidas tanto aos educadores, quanto aos pais e crianças. Portanto, sua preocupação é para além da sala de aula, adscrevendo-se ao contexto familiar.

Mário de Andrade (2019) também cita algumas obras de Alexina Pinto no livro *Aspectos do Folclore Brasileiro*¹⁶. A “Bibliografia” trazida na obra foi organizada pela professora Oneyda Alvarenga, utilizando-se dos escritos deixados por ele. Esse recenseamento bibliográfico elaborado por ele tem a intenção de listar as principais obras que tratam do folclore nacional. Entre elas, de Alexina Pinto, elencam-se *Cantigas das Crianças e do Povo e Danças Populares* (1916); *As nossas histórias: contribuição do folk-lore brasileiro para a bibliotheca infantil*¹⁷ (1907) e *Os Nossos Brinquedos: contribuição para o folk-lore brasileiro* (1909). Sobre o primeiro título citado, nosso *corpus* de análise, Andrade (2019, p. 174) evidencia a seguinte nota: “Texto e música de cantos populares de vários tipos, especialmente infantis, seguidos de notas.

¹⁶ O livro em questão foi organizado por Mário de Andrade, mas foi publicado postumamente pela professora Oneyda Alvarenga em 2019.

¹⁷ É importante frisar que *Nossas histórias* e *Contribuição do folk-lore brasileiro para a bibliotheca infantil* se referem a um único livro. Entretanto, é comum encontrar em alguns livros de historiografia literária informação de que se tratam de dois livros distintos. Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (2022) no texto biográfico *Alexina de Magalhães Pinto (1869-1921)* afirma que “[A] pesar de indicadas como duas obras, *Nossas histórias* e *Contribuição do folk-lore brasileiro para a bibliotheca infantil* são, de fato, uma obra só – isso fica claro na afirmação da ‘Nota preliminar’ de *Contribuição do folk-lore brasileiro para a bibliotheca infantil*, página 4, onde se lê a seguinte afirmativa da autora: “Se trago a lume estas ‘Nossas Histórias’ antes de seus respectivos originaes populares, é que anteponho os interesses directos dos ‘pequeninos’ aos dos ‘grandes’; é que penso sobrelevar a todos os outros deveres do nosso amor pela cultura da piedade e da moralidade fortes alavancas para o esclarecimento das consciências” (PINTO, 1907, p. 4) (SANTOS, 2022, p. 126).

A música apresenta com frequência evidentes erros de grafia, de ritmo e compasso”. (ANDRADE, 2019, p. 74).

Vê-se, destarte, que os estudiosos tecem críticas tanto aos erros de gramática quanto às notas musicais, destacando que o ritmo e o compasso estão fora do tom. Necessário ressaltar, contudo, que Alexina Pinto (1916) expõe, em notas, que optou por transcrever as cantigas como as ouviu, com o intuito de respeitar as suas origens e a forma como eram cantadas. Exemplo dessa sua preocupação é a nota em relação à cantiga “Um, dois, três”, “Corrigir a métrica seria, como se vê, coisa fácil. Penso, porém, não dever fazê-lo” (PINTO, 1916, p.31). Entretanto, há, em algumas cantigas, como em “Seu João ahi vem”, notas explicativas em que PINTO (1916, p. 34-35) declara se vê forçada a corrigir, pois o ritmo da música, conforme suas palavras, não cairiam bem:

Seu João êi vem
De nariz quebrado,
A comer pipoca,
Mendobi torrado.
(Minas Gerais)

Seu João êi vem
No bonde quebrado,
Comendo pipoca
Mendobi torrado.
(Rio de Janeiro)

Orig. pop.: Comendo – forma brasileira correspondente a do infinito, precedido de prep. que é peculiar aos lusos; dizem eles: - *a fazer*; nós: *fazendo*; eles: *a comer*; nós: *comendo*. Sou forçada a corrigir por causa do ritmo da música: esse no terceiro verso, recai na terceira sílaba, o que daria para o canto – comendô, desencontro vicioso e desagradável ao ouvido. Mais pitoresca seria a substituição por qualquer dos verbos – vender ou gritar, no infinito, e precedido de preposição: *a vender*, *a gritar*.

Apenas em casos como o citado, a autora Alexina Pinto fazia alguma modificação na cantiga, a fim de que soasse melhor aos ouvintes.

Em relação ao livro *As Nossas Histórias*, Andrade (2019, p. 75), em linha gerais, descreve seu conteúdo:

Contos populares brasileiros, em forma narrativa para crianças. A autora indica no índice a proveniência do material. Todas as histórias têm partes cantadas, de que são dadas as melodias. Constatam também do volume algumas adaptações em prosa e romances tradicionais de origem portuguesa.

Destaca-se que, Alexina Pinto, como educadora, expõe, didaticamente, a sua preocupação em colocar as partituras musicais dessas cantigas para que as crianças pudessem aprender por meio da música. Andrade (2019) caracteriza *Os Nossos Brinquedos* em poucas palavras: “[D]escrição de jogos infantis, contendo 42 melodias” (ANDRADE, 2019, p. 75)

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (2019), em seu artigo “Contiguidades na literatura luso-brasileira de autoria feminina: reflexões sobre narrativas para crianças”, atesta que Alexina de Magalhães Pinto despontou como escritora e folclorista em um contexto “[...] que a literatura surgiu como prática pedagógica” e a mulher era muito requisitada para o cargo de professora, visto que tem mais “facilidade de lidar com crianças” (DIONÍSIO SANTOS, 2019, p. 381), destacando, ainda, a importância das autoras Ana de Castro Osório e Alexina de Magalhães Pinto, pois exerceram uma tarefa fundamental “[...] para a história da literatura infantil e juvenil brasileira e portuguesa, em seu sentido amplo, especialmente pelo trabalho que essas escritoras realizaram de pesquisa etnográfica para compor obras a partir da tradição oral e do folclore de seus países e universal” (DIONÍSIO SANTOS, 2019, p. 390).

Lembramos, por outro lado, que o trabalho de Alexina de Magalhães Pinto, no que diz respeito a resgatar elementos que fazem parte da cultura nacional, não é necessariamente inédito, visto que esse mo-

vimento de resgate cultural já havia sido iniciado por outros folcloristas que a precederam. O que se destaca em sua obra é se utilizar – e tão vigorosamente – do folclore, algo que passou a representar a cultura do brasileiro, para o viés educacional.

No artigo “Alexina de Magalhães Pinto, uma das fontes do Guia Prático de Villa-Lobos”, Igayara-Souza (2021) cita Pinto, como uma das referências impressas, que Villa-Lobos utilizou na sua coletânea *Guia Prático*, trabalho voltado “para a prática do canto orfeônico” publicado originalmente em 1941 e reeditado em 2009 por “Manoel Aranha Corrêa do Lago, Sérgio Barboza e Maria Clara Barboza, publicada pela Academia Brasileira de Música e Funarte” (IGAYARA-SOUZA, 2021, p. 319).

Dionísio Santos é autora do verbete “Alexina de Magalhães Pinto (1869-1921)”, publicado no livro *Memorial do memoricídio: escritoras brasileiras esquecidas pela história*, publicado em 2022, organizado por Constância Lima Duarte, em que traz uma série de informações sobre vida e obra da autora. Dionísio Santos (2022) afirma que “[...] referir-se à Alexina de Magalhães Pinto implica, necessariamente, remeter-se a vinculações entre o folclore e o infantil” (DIONÍSIO SANTOS, 2022, p. 124), uma vez que em contato com os povos das mais variadas etnias, “ouvindo as vozes das crianças e mulheres junto aos pilões e aos fogões de lenha, nas salas com as sinhazinhas a tocarem pianos” (DIONÍSIO SANTOS, 2022, p.124), é que foi possível Alexina Pinto retratar a cultura desses povos e ainda contribuir significativamente com “formação das crianças, especialmente naquele contexto da Velha República, em que se buscava constituir uma identidade nacional” (DIONÍSIO SANTOS, 2022, p. 124).

O assassinato da memória: identidades em questão

Fernando Báez (2010) em *A história da destruição cultural da América Latina: da conquista à globalização*, disserta, entre outras questões, a respeito do assassinato da memória. O autor nos mostra que o etnocídio (destruição cultural) veio “acompanhado por um fenômeno de eliminação da memória, denominado popularmente de ‘memoricídio’ (após a catástrofe da antiga Iugoslávia no final do século XX), e se originou na época do humanismo clássico” (BÁEZ, 2010, p. 39). Nesse sentido, Báez alerta para a questão de que os pensadores europeus, em sua maioria, “[...] consideraram que os indígenas eram ignorantes e bárbaros, seres sem alma, selvagens que deveriam ser submetidos a uma nova ordem política, econômica, cultural e religiosa” (BÁEZ, 2010, p. 40) e, a partir daí, deram início à destruição cultural dos indígenas, a começar pela catequização de seus povos, com o intuito de apregoar valores tidos como corretos pela sociedade europeia.

Báez (2010) afirma ainda que “[N]ão há cultura onde não há memória; não há identidade onde não há memória. Por sua vez, não há memória sem identidade. A memória é, então, o eixo ontológico da personalidade individual ou coletiva: a memória traduz os estados sociais da cultura grupal, nacional ou internacional” (BÁEZ, 2010, p. 259). Dessa forma, se há uma tentativa de apagamento da memória, conseqüentemente, a identidade é posta à prova. Se a cultura só prevalece mediante memória e essa memória define a identidade de qualquer cultura ou nação, na medida em que ela for apagada, não é possível repassar às próximas gerações as culturas de determinados povos.

Nesse sentido, o folclore só existe porque há memória. A memória coletiva dos povos é passada de geração em geração, imortalizando seus hábitos, costumes, rituais, religiões, entre outros. Graças à me-

mória coletiva dos povos, é que Alexina de Magalhães Pinto alcançou êxito em seu projeto de compilar inúmeras cantigas em suas coletâneas, entre elas *Cantigas das Creanças e do Povo e Danças Populares* (1916), e por meio da publicação dessas obras é que se torna possível a eternização da memória, cultura e identidade dos povos.

Em consonância com Báez (2010) “[O]nde há povo, há memória: a memória é a medida de tudo o que nos faz humanos. Não há humanidade sem memória” (BÁEZ, 2010, p. 260). Assim como a linguagem é inerente ao ser humano, a memória exerce o mesmo papel, pois sem ela não há humanidade, não há história, não há o que se contar. “A memória é a certeza, antecipação, ordem e lei. A palavra *memória* procede do latim *memor-oris*, que se traduz como ‘o que se lembra’. E recordação vem de *re-cordis*, que significa ‘voltar para o coração’. E assim a palavra *memória*, etimologicamente, é um retorno ao coração” (BÁEZ, 2010, p. 260). O assassinato da memória se faz presente não apenas do ponto de vista da memória cultural ou da destruição das culturas, mas também quando um indivíduo perde seu espaço e não é reconhecido pela sua trajetória. A exemplo disso, lembramos inúmeras autoras que foram nitidamente apagadas da história como se nunca tivessem existido, mesmo que tenham exercido um papel relevante na sociedade.

Por fim, cabe lembrar que, a partir do momento em que não há a valorização da história em que as mulheres também são protagonistas e exercem papel de importância, conseqüentemente comete-se *memoricídio* feminino organizado – conceito elaborado pela pesquisadora Constância Lima Duarte (*Memorial do memoricídio: escritoras brasileiras esquecidas pela história*, 2022) –, que é o apagamento de identidade das mulheres na história cultural e social. As mulheres escritoras sempre foram preteridas em relação aos homens escritores, pois eles, durante muito tempo e até nos dias atuais, ocupam lugar de poder –

inclusive na escrita. Assim, esse movimento de dar voz às mulheres escritoras – como nos propomos a fazer neste artigo ao trazermos à cena acadêmica a relevância de Alexina de Magalhães Pinto e suas contribuições para o folclore nacional, a cultura popular brasileira e a Literatura Infantil e, especialmente, em que medida produções culturais de tempos passados podem colaborar para compreendermos, hoje, a nossa identidade – faz-se necessário e imperioso.

Referências

A MINEIRA ruidosa. Revista Veja, 05 ago. 1970, seção comportamento.

ALMANAQUE GARNIER. *In*: Hemeroteca Digital Brasileira, 1911. Acervo de periódicos da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/almanaque-garnier/348449> . Acesso em: 02 ago. 2022.

ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. Coordenação: Oneyda Alvarenga, 1982-84, Flávia Camargo Toni, 1984-89. – Belo Horizonte: Itatiaia; [Brasília, DF]: Ministério da Cultura; São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989. -) Coleção reconquista do Brasil. 2. série; v.162).

ANDRADE, Mário de. *Aspectos do folclore brasileiro*. Coordenação: Oneyda Alvarenga. Global Editora, 2019.

ARROYO, Leonardo. (1918 – 1986). *Literatura infantil brasileira / Leonardo Arroyo*. – 3.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 408p.

BÁEZ, Fernando. *A história da destruição cultural na América Latina: da conquista à globalização / Fernando Báez; Léo Schlafman*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2010. Tradução de El saqueo cultural de América Latina.

CARNEVALI, Flávia Guia. Música popular, memória e história em Alexina de Magalhães Pinto. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS, [S. l.]*, v. 24, n. 2, 2012. DOI: 10.14393/cdhis.v24i2.13207. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/13207>. Acesso em: 13 ago. 2022.

CARNEVALI, Flavia Guia. *A mineira ruidosa*-Cultura popular e brasilidade na obra de Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921). 2009. 234 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*. CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004, p.169-191.

CASCUDO, Luís da Câmara. 1898-1986. *Dicionário do folclore brasileiro* / Luís da Câmara Cascudo. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)* Nelly Novaes Coelho. São Paulo: Escrituras Editora. 2002.

GUIMARÃES, Maria Lúcia Monteiro. “Alexina de Magalhães Pinto: do mito à realidade”. Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei. São João del-Rei, 10 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://ihgsaojoaodelrei.org.br/alexina-de-magalhaes-pinto-do-mito-a-realidade/>>.

IGAYARA-SOUZA, Susana Cecília. Alexina de Magalhães Pinto, uma das fontes do Guia Prático de Villa-Lobos. Simpósio Villa-Lobos, 2021, Anais - São Paulo) *Anais do VI Simpósio Villa-Lobos* [recurso eletrônico]: videoconferências / organização Paulo de Tarso Salles. São Paulo: ECA-USP, 2021.

IGAYARA-SOUZA, Susana Cecília. Educação feminina e cultura musical entre as mulheres: Brasil, 1900-1950. *Anais do IX Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste: “Pesquisa em Educação no Brasil: Balanço do Século XX e Desafios para o Século XXI”*. ANPEd (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação)/UFSCar (Universidade Federal de São Carlos). São Carlos, 2009.

IGAYARA-SOUZA, Susana Cecília. *Entre palcos e páginas: a produção escrita por mulheres sobre música na história da educação musical no Brasil (1907-1958)*. 2011. 356 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Fundamentos, 5.).

LIMA, Laura Emanuela Gonçalves. *Os paratextos editoriais na obra Cantigas das crianças e do povo e danças populares, de Alexina de Magalhães Pinto*. Congresso Internacional – Circulação tramas e sentidos na literatura. ABRALIC, 30 jul. 03 ago., 2018.

MARTINS, Saul. Vida e Obra de Alexina. *Revista Brasileira de Folclore*, v. 10, n. 28, Brasília, p. 225-227, set./dez., 1970. Disponível em: http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Revista_do_Folclore. Acesso em: 08 ago. 2022.

PINTO, Alexina de Magalhães. *Cantigas das Crianças e do Povo e Danças Populares*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1916. Coleção Icks, série A.

PINTO, Alexina de Magalhães. *Proverbios populares, maxims e observações usaes*. Livraria Francisco Alves, 1917. Escolhidos para usos de escolas primárias. Série F.

REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE. Maio/Agosto de 1965. N. 12 (1). Disponível em: http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Revista_do_Folclore. Acesso em: 08 ago. 2022.

REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE. Maio/Agosto de 1970. N. 27 (4). Disponível em: http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Revista_do_Folclore. Acesso em: 08 ago. 2022.

RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. O Folclore no Ensino primário. *Revista Brasileira de Folclore*, p. 91-112, 1962. Disponível em: http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Revista_do_Folclore. Acesso em: 08 ago. 2022.

SANTOS, Rita de Cássia Silva Dionísio. Alexina de Magalhães Pinto (1869-1921). *Memorial do memoricídio: escritoras esquecidas pela história: volume I*. Organização de Constância Lima Duarte. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022. (Precursoras)

SANTOS, Rita de Cássia Silva Dionísio. Contiguidades na literatura luso-brasileira de autoria feminina: reflexões sobre narrativas para crianças (2019). In: DUARTE, Constância Lima et al. (Orgs.). *Mulheres em letras: diáspora, memória, resistência*. Viçosa (MG): As organizadoras, 2019.

SANTOS, Rita de Cássia Silva Dionísio. *Narrações da infância em Alexina de Magalhães Pinto*: refletindo sobre as “Cantigas das

creanças”. In: CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias et al. (Orgs.). *Literatura de Minas: vozes esquecidas*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2016.

SANTOS, Rita de Cássia Silva Dionísio; CUNHA, Maria Zilda da. “Opera Lyrica nacional”: das Minas Gerais para o folk-lore brasileiro e a biblioteca infantil. *Recorte – revista eletrônica*, v. 14, n. 2, jul./dez. 2017.

SILVEIRA, Francisca Amélia da. *Ludismo e pragmatismo na literatura para crianças no início do século XX: Uma análise das obras de Alexina de Magalhães Pinto (Brasil) e de Ana de Castro Osório (Portugal)*. 1996. 231 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

Recebido em: 14/02/2023

Aprovado em: 27/04/2023